



COMPREENSÃO DE ECOLOGIA E EDUCAÇÃO ECOLÓGICA PARA PROFISSIONAIS DO ECOTURISMO.

Prof. Dr. Luiz Augusto Normanha Lima. UNESP - IB-Rio Claro-SP - lanlima@rc.unesp.br

Prof. Ms. Luiz Fabiano Seabra Ferreira. Faculdade Módulo Caraguatatuba - SP seabrafabiano@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em 1866, o biólogo e naturalista alemão Haeckel, criou e definiu a palavra Ecologia como o estudo de relações entre tudo o que é vivo e não-vivo, entre si e o meio ambiente; ou seja, nossa casa, a Terra. De acordo com Pellegrini Filho (1993) os múltiplos fatores envolvidos na problemática ambiental exigem um cuidadoso exame no sentido de construir uma compreensão profunda e sistêmica sobre os processos e interações ocorridas entre os seres vivos e os sistemas. Nesse sentido, podemos perceber que a educação ambiental envolve conhecimentos sobre a problemática ambiental, bem como a ecologia num processo de reconhecimento e transformações do Ser e do ambiente. Para isso a educação deve ser compreendida como uma possibilidade de reconstrução dos sentidos e significados, englobando a totalidade das nossas vivências e expressões. Cascino (2000) ressalta que a partir da realização da ECO-92, surgiram diversos debates acerca das necessidades de um desenvolvimento sustentável e do papel da educação nas transformações das mentalidades, lançando um novo discurso educacional capaz de sensibilizar e proporcionar transformações nas tradicionais instituições promotoras e difusoras de práticas educativas. Sobre o mesmo assunto Pedrini (1997), afirma que a educação ambiental surgiu da necessidade de minimizar os impactos derivados do uso inadequado dos bens coletivos planetários em diferentes escalas espaço-temporais. Isto posto faz-se necessário a implementação de programas educacionais objetivando minimizar esses impactos. Nos processos educacionais ressaltamos o lazer como um canal de amplo espectro possibilitando abordar qualquer assunto, pois brincando podemos vivenciar o lúdico, a espontaneidade e a criação de novos significados acerca da realidade. No que se refere ao lúdico, aos divertimentos implícitos no lazer, Faria (et al., 2002) desenvolvem-no como instrumento na formação de uma consciência ecológica para o público infantil, a metodologia adotada é usar o lúdico como meio educacional, por meio de oficinas de artes, voltadas para as questões

ambientais e questionamentos se tais atividades contribuíam para mudanças de hábitos, atitudes e mentalidades em relação à conservação e ao respeito com o meio ambiente. Betrán & Betrán (2006) propõem uma proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na educação física do ensino médio, ressaltando as percepções e as sensações como canais diretos a serem explorados por essas atividades no âmbito educacional. As oficinas de educação ambiental, propostas por Faria (op. cit.), destinadas a facilitar o processo de aprendizagem dos problemas ambientais, buscando através do lúdico e do resgate de "brincadeiras de antigamente" envolvem os temas lixo e água, oficinas denominadas: "Caminhos do Lixo" e "Cidadania pelas Águas" adaptadas das oficinas realizadas pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belo Horizonte. Concluem que ao se enquadrarem como profissionais do turismo, acreditam que a conscientização da população para o respeito ao meio ambiente, é o primeiro passo para o desenvolvimento do turismo sustentável. No âmbito educacional devem ser desenvolvidas diversas atividades com o objetivo de sensibilizar as pessoas. De acordo com Mendonça (2000, p. 137) "elas expressam uma profunda reflexão e conhecimento sobre as possibilidades humanas de interação com a natureza. Elas revelam que estas podem ser infinitas". As visitas ecoturísticas representam uma rica oportunidade de contato consigo mesmo, um processo de auto-conhecimento e descoberta de diferentes formas de expressar e se inter-relacionar com os ambientes. Os profissionais do ecoturismo ganham destaque na atualidade, pois estão envolvidos por uma série de desafios, oriundos de um precário sistema gestor dos recursos (atrativos turísticos) destinados as visitas. Os espaços privatizados em alguns casos dispõem de uma melhor infraestrutura para a recepção do ecoturista, além disso, existem diversas pousadas e hotéis que oferecem o ecoturismo como produto, implicando assim a necessidade de um acompanhamento por parte de entidades que possam verificar e avaliar a qualidade dos "pacotes" oferecidos aos consumidores. Contra a simples massificação e transformação em

mercadoria Pellegrini Filho (1993), ressalta a necessidade de um ecoturismo profundamente humanizado que envolva o ser humano na sua totalidade, respeitando as suas interações sistêmicas. Diante desta possibilidade, não apenas torna-se interessante identificar quais os hotéis que realmente oferecem um serviço de educação ambiental, como também, o que trata este estudo, uma análise qualitativa de como os profissionais de lazer, envolvido com o turismo, os profissionais de ecoturismo, os guias de trilhas e de aventuras, os animadores de hotéis, pensam a ecologia o ecoturismo.

OBJETIVOS

A pesquisa qualitativa, segundo a modalidade da “estrutura do fenômeno situado”, precisa, de início, situar o fenômeno.

Nesta pesquisa, o interesse é revelar o fenômeno da compreensão de educação ecológica e ecologia para os profissionais de ecoturismo. Seus discursos serão tomados como dados, que revelarão o momento crucial e talvez, seriamente perigoso, mas também, oportuno, da história da humanidade.

MATERIAL E MÉTODO

O método concentra-se em descrever o estado mental, a estrutura da compreensão, a subjetividade dos sujeitos analisados, tomando isso como dado. Os discursos de profissionais do ecoturismo foram gravados em fita-cassete e, posteriormente, transcritos fielmente.

Cada discurso é analisado, num primeiro momento, separadamente, sendo lido e relido até que os significados desprendam-se: são as unidades de significado, momentos subjetivos que revelam o fenômeno interrogado enumerados de acordo com a mudança nos temas apresentados pelo sujeito pesquisado. Posteriormente, é feita a redução destas unidades, necessária para torná-las mais inteligíveis e claras. Só então é realizada a interpretação de cada redução e, finalmente, a Análise Ideográfica, que resulta do significado atribuído pelo sujeito a interrogação solicitada nesta pesquisa. O pesquisador incorpora o discurso do sujeito, sabe sobre o que ele está falando após todo o transcurso realizado na redução e interpretação feitas anteriormente.

A Análise da Estrutura do Fenômeno Situado, usando a modalidade F., segundo Martins e Bicudo (1989), o investigador não formula hipóteses sobre o que busca, mas apenas procura ver o fenômeno

tal como se mostra em termos de significados relacionais. Em F as descrições se referem às experiências que os sujeitos viveram. Nelas estão as essências do que se busca conhecer e a intencionalidade do sujeito. Isso quer dizer que o sujeito que descreve sua experiência é situado e que os significados das suas vivências emergem do seu real vivido.

Após todas as análises ideográficas terminadas, num segundo momento, é realizada a Análise Nomotética, que se apresenta como possibilidade de visualizar a norma das generalidades entre os significados. Nesta análise, apresentam-se as convergências, as divergências e as individualidades ou idiossincrasias que se revelaram nas unidades de significados dos discursos dos sujeitos pesquisados. Compreendendo a Ecologia e a Educação Ecológica A Análise Nomotética, conforme propõem, Martins e Bicudo (op. cit.), não pretende chegar a uma generalização do fenômeno mais as suas generalidades. Neste caso, as compreensões que os profissionais de ecoturismo possuem de ecologia e educação ecológica. A consciência para os profissionais de ecoturismo é algo a ser trabalhado, educado, consciência é tomada como um processo, uma construção. Os significados de mente, consciência, ecologia, seguido do significado de educação e suas mais distintas formas, desde a massificada até as mais individualizadas, tem-se a complexidade que o quadro revela e a necessidade de esclarecer cada um destes significados, pois eles são múltiplos. Dessa forma, podemos perceber um potencial infinito no qual existem diversas possibilidades de se trabalhar a educação, isto expressa as transformações contemporâneas as quais todos estamos submetidos. Eles consideram que ecologia tem a ver com consciência e que se deve atentar para a qualidade, ou mesmo à quantidade de campanhas conscientizadoras vinculadas à mídia que podem acabar cansando o ouvinte e desestimulando a prática ecológica. Não há divergências no quadro, pois as unidades revelam que ecologia é educação de forma geral. Sobre a ecologia sendo educação, **são** reveladas consciências diferentes, no geral os profissionais de ecoturismo pensam na mente como algo a ser educado ou já pronta e trabalhada pelo social. O quadro revela no todo que a mente está **ligada às** questões da natureza, de como melhorar o mundo (qualidade de vida) para o bem da humanidade. As unidades invariavelmente convergem para a necessidade de reviver os valores humanos universais e a harmonia com a natureza. Há convergências que asseguram e salientam, a conscientização como um processo de interiorização. Ou seja, as pessoas devem ser sen-

sibilizadas para que, juntamente com a razão possam compreender os vieses das consequências ecológicas de suas ações. Isso demonstra a necessidade de diferentes atitudes frente a essas questões, pois a razão não deve se sobrepor à dimensão sensível. Nesse sentido, ressaltamos os valores ou qualidades femininas (compreensão, cooperação e percepção sensível, entre outros) como possibilidade de transcender os racionalismos dominantes. O mais enfatizado é o aspecto visando à educação em massa, o termo conscientização aqui empregado é muito mais no sentido de instruir quanto às questões ecológicas do que se conscientizar da “ecologia interior”, quer dizer, de você mesmo, o autoconhecimento. Nesse contexto, cabe ressaltar o papel das práticas de meditação como possibilidades de qualidade de vida autoconhecimento e acesso às dimensões mais profundas do Ser, num processo de transformação das mentalidades, comportamentos e ações, caracterizado pelo desenvolvimento de uma espiritualidade engendrada por uma íntima interligação entre os diversos aspectos que compõem a vida na sua totalidade. Aqui podemos perceber as dificuldades em realizar um trabalho orientado para as necessidades individuais, pois com a massificação da educação perdemos de vista essa possibilidade e atualmente é assim que têm funcionado os sistemas de ensino, sejam ele público ou privado. Há um destaque em relação às dificuldades de educar, uma vez que as pessoas que procuram o lazer, geralmente não estão ali para aprender, tendo paciência para ouvir, querem se divertir, caminhar, correr, andar de bicicleta, fazer as trilhas. Dessa forma, o trabalho do educador ambiental se torna um desafio em aliar o hedonismo das atividades com os aspectos educacionais. Exemplo disso é a questão do lixo, torna-se visível a não educação ecológica, e o a desatenção com o meio ambiente. Nos passeios chamados “ecológicos” muitos não se preocupam em levar os seus lixos de volta sendo preciso ficar constantemente chamado a atenção para isso. No caso de atividades que envolvam esportes de aventuras, os praticantes não se preocupam necessariamente com a ecologia, estão mais voltados aos aspectos de como devem proceder com os equipamentos, mas não com o ambiente a sua volta. Atualmente poucos são os “pacotes” oferecendo possibilidades educacionais que transcendam o mero “fazer” nas atividades de aventura. O aspecto que ainda predomina é o prazer em realizar algo “radical”, a aventura de se lançar numa atividade na qual os riscos devem ser controlados. Nesse contexto podemos perceber que a massificação das atividades de aventura geram consequências graves em relação aos impactos sócio-ambientais. Há também uma tendência

muito forte em transformar essas atividades em simples mercadorias desprestigiando as possibilidades educacionais advindas dessas práticas. Um alerta que aparece é para o despreparo dos profissionais de ecoturismo em uma série de itens, desde os próprios e mais importantes aspectos de segurança, como também no sentido da educação ecológica de conservação do local. Esse despreparo já foi evidenciado por Marinho e Ferreira (2002) que apontam a necessidade de um trabalho mais aprofundado na formação dos guias de ecoturismo e atividades de aventura. Os sujeitos da pesquisa salientam que além do despreparo dos profissionais de ecoturismo para as necessidades do lazer educação, faltam profissionais em lugares que eles seriam necessários. Alguns locais potencialmente propícios para o ecoturismo, as atividades de aventura e a educação ecológica passam a não possuir pessoas preparadas para as orientações às visitas e aí é onde ocorrem os maiores problemas de desrespeito e agressão aos ambientes naturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETRÁN, J. O. & BETRÁN, A. O. Proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na educação física do ensino médio. In: MARINHO, A. e BRUHNS, H. T. *Viagens, lazer e esporte*. Barueri: Manole, 2006.
- CASCINO, F. Pensando a relação entre educação ambiental e ecoturismo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. & LUCHIARI, M. T. D. P. (ORGs.) *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000. (Coleção Turismo).
- FARIA, A. A., Costa M.A.M. & PAIVA, U.N. O Lúdico como instrumento na Formação de uma Consciência Ecológica para o Público Infantil. In: *Coletânea III Seminário “O Lazer em Debate”*. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional UFMG, Organizadores: Christianne Luce Gomes Werneck e Hélder Ferreira Isayama. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2002.
- FERREIRA, L. F. S. & ASTONE, R. B. *Educação física, meditação e saúde: buscando um equilíbrio entre corpo, mente e espírito*. Pesquisa de Iniciação Científica não publicado UNIMÓDULO, Caraguatatuba - SP, 2006.
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia. Fundamentos e Recursos Básicos*. São Paulo: Educ e Moraes, 1989.

- MARINHO, A. & FERREIRA, L. F. S. Atividades de aventura e formação profissional. In: *Anais XIV Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL)*. UNISC; Santa Cruz do Sul - RS, 2002.
- MENDONÇA, R. A experiência na natureza segundo Joseph Cornell. In: SERRANO, C. (ORG.) *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000. (coleção tours).
- PEDRINI, A. G. Trajetórias da educação ambiental. In: PEDRINI, A. G. (ORG) *Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PELLEGRINI FIHO, A. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas: Papirus, 1993. (Coleção Turismo).